

McGRATH, Alister E. *A fé e os credos*. São Paulo: Cultura Cristã, 2017. 112p. Resumido por JH Hack em abril/19.

Introdução

Em que os cristãos creem? Por quê? Que diferença faz? O grande panorama da fé cristã é algo que dá sentido ao que vemos ao nosso redor e ao que experimentamos dentro de nós.

Nossa abordagem será de ver o todo em conjunto, para permitir melhor apreciação das crenças específicas. Se o cristianismo é um grande salão com diversas portas para outras salas (Lewis), examinaremos a fé comum deste grande salão. Especificamente, vamos nos concentrar no lugar e propósito da fé pessoal e dos credos públicos.

1. A jornada: pistas para o significado do universo

A vida é uma jornada, quer você creia em Deus ou não. Será que esta jornada conduz a algum lugar? Há duas respostas possíveis. Uma é a de que ela não conduz a lugar nenhum; não há sentido para a vida. Essa hipótese é defendida pelos ateus Sartre e Dawkins. Esse ateísmo intransigente defende que as pessoas de fé estão iludidas e recorrem à invenção de significado (Deus) para se consolarem diante de um universo sombrio e sem sentido. A outra resposta é a de que o universo está cheio de pistas sobre seu significado, que conduzem a descobrirmos a ordem mais profunda das coisas e o nosso lugar nela. O significado verdadeiro da realidade é conhecer a Deus, o que dá sentido à vida. Há um grande cenário, e nós somos uma parte importante dele.

1.1. O que é fé?

Para alguns ateus, toda fé é cega; acham que só se pode aceitar o que pode ser provado como certo. No entanto, seus próprios escritos estão cheios de declarações que não podem ser provadas. As verdades comprováveis da matemática e da lógica são existencialmente insignificantes. O fato é que ninguém, seja religioso ou secular, pode provar qualquer uma das grandes verdades pelas quais vivemos. Contudo, podemos oferecer razões sólidas para crer que nossas convicções estão corretas, mesmo se ninguém consegue demonstrar que estão corretas.

A ciência nos ajudar a desvela a lógica oculta do universo, mas não consegue nos dizer por que o mundo existe e como nos encaixamos nele. Não tem métodos para decidir o que é ético. A ciência desmonta para vermos como as coisas funcionam; a fé reagrupa para vermos o que elas significam. Weber argumenta que a cultura do século 20 estava obcecada com a “racionalização”: tudo tinha que ser provado, preferivelmente pela ciência. Esta ênfase exagerada trancafiava as pessoas na gaiola da racionalidade, levando-as a uma compreensão muito limitada e inadequada da realidade. De fato, “alimentamos muitas crenças sem justificação racional incontestável, mas que são igualmente razoáveis de se entreter” (Eagleton). Aplicada à fé, a razão nos ajuda a reconhecer o grande cenário que esclarece o sentido do mundo e da vida. Podemos chegar à fé por meio de argumentos cuidadosamente elaborados ou por saltos da imaginação baseados em nossas intuições mais profundas. Foi o que Lewis descobriu ao se converter.

1.2. Encontrando o grande cenário

Lewis foi um “convertido muito relutante”, que precisou rever seu ateísmo por causa da literatura ocidental que estudou. A boa teologia de Lewis se justifica porque ele nos faz pensar que estamos ouvindo um argumento, quando de fato está nos apresentando uma visão com convicção. Lewis se sentiu atraído pelo cristianismo pela sua convincente visão do grande panorama da realidade. Isso dava sentido a tudo o que realmente importava para ele e se conectava com seu anseio interior pela verdade, beleza e bondade. A visão ateuista da realidade era sombria e sem sentido, mas a cosmovisão cristã dava sentido às suas esperanças e desejos.

Como num mistério policial, as pistas consideradas em conjunto têm uma força cumulativa que aponta para uma conclusão; mesmo sem ser possível comprová-la, ela é a melhor explicação para as pistas reunidas. No método científico, a busca pela descoberta, segundo Polanyi, é guiada pela percepção de que existe uma realidade oculta para a qual apontam as pistas. Olhamos para a realidade complexa e ficamos confusos; só quem tem o mapa explicativo entende o que está acontecendo. Todo mundo tem uma cosmovisão que explica o mundo, quer saiba, quer não.

A fé cristã nos permite ver padrões no caos aparente do mundo. Para enfatizar a importância de captar este grande panorama, consideremos duas profundas intuições humanas: o desejo do coração e o senso de obrigação moral.

1.3. O desejo do coração

Um tema fundamental da fé cristã é que esse mundo não é nossa verdadeira pátria. Fomos postos aqui por uma razão e há coisas para fazermos. Mas nossa pátria está nos céus (Fp 3.20). O lar é onde está o coração; e o nosso coração anseia por estar com Deus.

Se isso é real, como identificar esse instinto de volta ao lar? Como ele repercute no mundo real da experiência humana? Podemos prever que haveria uma sensação de insatisfação que reflete a convicção de não estarmos no lugar ao qual pertencemos. Agostinho expressa isso: “Fizeste-nos para ti mesmo, e o nosso coração vive inquieto até que possamos repousar em ti” (*Confissões*, 1.1.1). Escritores da literatura ocidental (Arnold, Dostoiévski, Russell, Woolf, Lewis) expressarem esta inquietude com o mundo e o anseio por algo além das fronteiras da experiência humana. Como saber se isso sugere que somos vítimas de uma ilusão sem sentido ou é uma pista para o significado da nossa vida? Por que é tão difícil captar esse sentido indescritível?

Lewis sugere que há três respostas. 1) Estamos à procura do significado no lugar errado. 2) Não há nenhum significado a ser encontrado. 3) Nossos anseios terrenos são uma cópia ou um eco dos nossos verdadeiros desejos. O último conceito é desenvolvido por Lewis. Nenhum prazer terreno pode satisfazer nosso desejo por mais; eles não têm essa função. Os prazeres visam nos despertar, sugerindo que há algo real a ser encontrado, e nos incitar a buscarmos sua fonte. Se encontro em mim um desejo que nenhuma experiência do mundo pode satisfazer, a explicação mais provável é que fui feito para outro mundo. Assim como a fome física indica uma necessidade real a ser satisfeita com alimentos, a fome espiritual corresponde a uma necessidade real a ser satisfeita com Deus.

1.4. O senso de obrigação moral

Parece ser normal que os seres humanos julguem algumas ações como corretas e outras como erradas. Mas, se não existe verdade absoluta, se inventamos o “bom”, então a moralidade é mera questão de gosto pessoal e podemos escolher o que queremos que seja verdade. Os nazistas achavam correto o extermínio dos judeus. Nesse relativismo moral, a justiça se torna uma questão de poder e influência de grupos de interesse. Porém, na prática, isso não funciona; todos estamos conscientes de algo “mais elevado”, de “uma lei que não inventamos, mas sabemos que devemos obedecer” (Lewis, *Cristianismo puro e simples*).

Se não há uma justiça natural embutida no universo, o que impedirá que os poderosos imponham sua concepção de certo e errado? E como resistiremos a isso? Tanto Murdoch quanto Platão defendem que nossa noção de justiça é eco de uma realidade transcendente. Ao observar a maldade inerente à natureza humana, Auden concluiu que o pensamento liberal leva a minar a fé no absoluto. Nosso profundo senso de obrigação moral é uma impressão digital divina; Deus é o fundamento final da justiça. Novamente é a cosmovisão cristã que explica melhor nossa experiência de vida.

1.5. Expandindo nossa visão

O cristianismo nos permite ver o grande panorama; ele expande nossa visão da vida e nos permite apreciar as profundezas da realidade, em vez de limitar nossa visão ao domínio muito restrito

do que podemos provar. Em toda parte, ao nosso redor, há indícios de um mundo que transcende a razão e que somos convidados a explorar e habitar. São “sinais de transcendência” que nos encorajam a crer que há mais na existência do que nossa mera experiência cotidiana. [Ec 3.11]

No entanto, o Deus que plantou estas pistas decidiu falar conosco e se encontrar conosco. A visão cristã de um Deus que deseja ser conhecido e que se revela a nós não contradiz a razão; apenas a expande e enriquece, transcendendo suas limitações. É a noção da analogia da caverna de Platão. Os habitantes ali presos não conseguiam imaginar o mundo exterior. Talvez houvesse pistas (uma fragrância ou ruído do exterior). E se alguém de fora entrasse na caverna e lhes descrevesse o mundo exterior? Elas teriam que decidir se criam ou não no estranho. É essa nova visão da realidade que a fé cristã nos convida a abraçar. Vamos examiná-la a seguir.

2. O mapa, as lentes e a luz: dando sentido às coisas

Nossos olhos precisam ser abertos para vermos as coisas como elas realmente são.

2.1. Vendo as coisas com novos olhos

Precisamos ter atenção: uma tentativa cuidadosa e com princípios, empenhada em perceber as coisas como realmente são, não como simplesmente parecem ser. Todos olhamos o mundo através de “óculos teóricos”. A fé religiosa é basicamente uma “fé na existência de uma ordem invisível de algum tipo no qual os enigmas da ordem natural podem ser encontrados e explicados” (William James). Essa ordem invisível é descoberta a partir da revelação de Deus: a “renovação da mente” (Rm 12.2) é uma nova forma de enxergar o mundo.

Ao envelhecermos, notamos como outras pessoas nos ajudam a ver as coisas mais claramente, seja indicando o que não vimos ou corrigindo percepções errôneas. Por isso é importante que o cristianismo seja uma fé comunitária. O que os outros veem nos ajuda a enxergar mais.

Para explorar a realidade com nossa nova visão, precisamos de um bom mapa. Ele lhe dará uma noção do grande cenário e você notará alguns dos elementos da paisagem. Cada pessoa nota elementos diferentes na fé cristã, por isso é importante aprender com a percepção dos outros, de forma a ampliar nossa compreensão da própria fé.

Encontramos o mapa da fé nos credos; ele existe para nos ajudar a explorar a paisagem da fé, pois comenta os temas centrais da Bíblia. As crenças cristãs não são ideias individuais, estanques. Elas são mantidas juntas pela visão da realidade possibilitada pela fé. Para compreender as crenças, temos que captar o panorama. É o credo que revela estas interconexões entre as crenças.

2.2. As lentes: colocando a realidade em foco

Para muitos a vida não parece ter sentido. Não será por que a enxergam fora de foco? O cristianismo nos dá uma lente pela qual podemos ver a nós mesmos e ao nosso mundo como realmente somos. Alguns preferem usar óculos que lhes permita fingir que está tudo bem.

O poeta Herbert traça uma distinção clara entre olhar para o vidro e olhar através dele para o que está além. De igual modo, podemos abordar as crenças de duas maneiras. Podemos olhar para elas; é a abordagem dos livros de teologia sistemática, que definem cada crença individual. Também podemos olhar através delas, obtendo uma visão enriquecida da realidade.

Visualizar o “grande cenário” do cristianismo nos ajuda a entender o valor de cada um, criado à imagem de Deus, e que as riquezas do mundo nada significam comparadas com as de Deus. Olhar as coisas pela lente cristã nos faz perceber que somos pecadores e nos dá o tratamento necessário para sermos curados desta enfermidade.

2.3. A luz: iluminando as terras das sombras

A maneira cristã de pensar ilumina o mundo, capacitando-nos a ver as coisas mais claramente (Sl 27.1; 119.105). A luz mostra as coisas como elas realmente são, dissipando as ilusões.

Enfrentar a realidade tem um lado sombrio. Percebemos que o homem – para os racionalistas, “a medida de todas as coisas” – pode ser absolutamente bárbaro, como no Holocausto. A visão cristã sobre a natureza humana é mais realista. Ela sustenta que somos criados à imagem de Deus, o que nos puxa para cima, mas também que somos pecadores, o que nos puxa para baixo (Rm 7.19). Ela nos permite ver nossas motivações complexas e agendas mistas: capazes do bem e do mal. Qualquer grande cenário da realidade precisa conseguir explicar a profunda ambiguidade moral da natureza humana. É isso que atrai muitos ao cristianismo: a visão geral, e não componentes específicos.

Quanto mais uma cosmovisão pode explicar, maior é a probabilidade de que seja verdadeira. Uma boa teoria deve ser julgada pela quantidade de iluminação que oferece e por sua capacidade de acomodar o que vemos no mundo e o que experimentamos. Mas a fé cristã não explica tudo, pois há fronteiras difusas e não totalmente iluminadas (1Co 13.12). Ainda há limitações na nossa visão. Mas a fé confia que Deus está presente, mesmo quando estamos desorientados (Sl 139.9-10).

3. Palavras e histórias: descobrindo o sentido mais profundo da fé

O cristianismo nos ajuda a dar sentido às coisas. Com este senso de direção e propósito para nossa vida, conseguimos lidar melhor com incertezas e dificuldades.

Os credos nos dão um arcabouço para irmos cada vez mais fundo na fé. Porém, muitos acham que suas palavras são inadequadas ou incompreensíveis. Tratemos dessa questão.

3.1. Quando as palavras não bastam

Precisamos usar palavras para nos referir às intuições mais profundas da vida, mas frequentemente descobrimos que elas não são suficientes para transmitir o sentido ou a intensidade dos nossos pensamentos. Sempre haverá uma lacuna significativa entre as palavras e a realidade que elas descrevem. Mesmo as imagens nunca podem representar completamente a realidade.

No entanto, precisamos usar palavras; simplesmente não temos escolha. Embora as fórmulas verbais que denominamos “crenças cristãs” pareçam desajeitadas, elas expressam questões profundas que falam ao coração e à mente.

Para entendermos o que as palavras realmente significam, devemos ouvir como são utilizadas. Nossa fé é pública, mas tem dimensões privadas; ou seja, varia com a identidade e as preocupações de cada pessoa. Assim, não é fácil resumir o que significa a fé para uma pessoa. Mas podemos usar as palavras como placas de indicação para aquilo que é mais profundo. De fato, nossa época tem reconhecido a importância das histórias para ajudar a dar sentido às coisas e nos fazer perceber o que é bom.

3.2. A história da fé

A Bíblia cristã não apresenta definições de dicionário. Em vez disso, ela conta histórias. De fato, elas se conectam no grande épico da criação, queda, redenção e consumação. Esta metanarrativa [não devia ser macro?] da fé cristã capta a imaginação, aquece o coração e ilumina a mente. Ela dá sentido às evidências e harmoniza nossas intuições; explica todas as demais histórias.

Por que a Bíblia conta uma história para nos ajudar a compreender o que devemos crer e como somos chamados a nos comportar? A teologia cristã oferece duas respostas. 1) Uma narrativa torna a fé mais acessível. Deus se relaciona conosco num nível compatível com nossas habilidades, pelo processo de “acomodação divina”. Ele escolhe diversos meios de autorrevelação (histórias, imagens e ideias). 2) As histórias têm a capacidade especial de alterar a forma como pensamos. Elas nos

estimulam a ver o mundo de uma forma singular. Uma história bem contada pode sustar a descrença e facilitar a ponderação sobre a veracidade daquilo que estamos ouvindo.

3.3. A história e a nossa história

Objetos que guardamos em geral estão conectados a histórias vividas com eles. Da mesma forma, a história cristã não é simplesmente algo que dizemos, mas é algo de que fazemos parte. Os credos são uma interpretação dessa grande história da fé cristã; ser cristão é permitir que nossa história pessoal seja moldada e sustentada pela história cristã maior.

Os credos não contam essa história *como uma história*; todavia, destilam seu significado e revelam seus pontos relevantes. Como é possível que uma história tão empolgante seja transmutada em frases tão chatas e inflexíveis? A questão é que o drama não consiste na beleza da história nem na promessa de uma vida agradável após a morte, mas sim no próprio dogma. O drama é a terrível afirmação de que o Deus Criador se encarnou e venceu a morte por nós. Essa história dramática detém a chave para a compreensão de tudo o que a fé é.

3.4. A teoria e a realidade

Todos nós queremos compreender com clareza as coisas. Mas a mente humana não está bem adaptada a complexidades. Precisamos de figuras para nos ajudar a pensar. Mapas e diagramas existem para nos permitir compreender aquilo com que nos deparamos e experimentamos. Contudo, a realidade precede sua descrição.

O mesmo se aplica às crenças cristãs. Elas descrevem a visão mais profunda da realidade que a fé cristã possibilita ver. Nosso objetivo é encontrar esta realidade; para isso recebemos um mapa dela para podermos habitar e explorar este novo mundo.

Assim, como teólogo profissional, insisto que as teorias importam e é essencial entendê-las corretamente. Precisamos investir tempo e esforços para ter certeza de que nossa descrição e compreensão da realidade (as doutrinas) são tão fidedignas e abrangentes quanto possível. Essas crenças estão atreladas à realidade que representam, mas a realidade precede nossas crenças sobre ela.

O mapa não é igual à paisagem, embora a represente de forma confiável. Da mesma forma, as teorias reduzem a realidade a algo funcional. As teorias nos fornecem um modo de compreender conceitos que são muito mais complexos. Contudo, o preço a pagar pode ser alto, porque a realidade é subdimensionada a algo muito menor do que é. Existe o risco de perdermos a visão da transcendência e da glória de Deus ao simplificarmos nossa escala para criarmos conceitos inteligíveis sobre Deus que nossa mente consiga processar.

É preciso lembrar que o verdadeiro Deus é indomável. É por isso que o culto é uma parte importantíssima da vida cristã. O Deus vivo e amoroso incendeia nosso coração, razão e imaginação.

3.5. O mistério da fé

Uma das virtudes intelectuais da fé cristã é que ela faz sentido em si mesma, além de também dar sentido ao que experimentamos em nossa vida e ao que vemos no mundo que nos rodeia.

É importante preservarmos o mistério da fé. Não fazer isso é reduzir o cristianismo. O que é um mistério? Apenas um conjunto de eventos desconcertantes que exigem uma explicação? Não, esse é só um aspecto deste vocábulo. O termo “mistério” também se refere às profundezas escondidas da fé cristã, que se estendem muito além do alcance da razão. Afinal, a mente humana não pode compreender as estruturas profundas da realidade. A glória divina nos conduz ao culto e à adoração, mas está muito além de nossa total compreensão. Dizer que Deus é um mistério é declarar que você não tem como defini-lo com sucesso.

Há sempre o perigo de acharmos que, se não conseguimos compreender algo, isso é errado; no entanto, demonstrar a irracionalidade de uma ideia nem sempre a demonstra errada, mas sim des-

taca os limites da nossa razão. Por isso a imaginação humana é tão importante: ela compensa os limites da razão; ela nos adverte contra assumir que a realidade consiste apenas no que podemos ver ou compreender. Falar da palavra de Deus como um mistério é reconhecer que nos deparamos com algo e alguém que é maior do que nós mesmos, o que nos obriga a ampliarmos (e não encolhermos) os horizontes da nossa consciência.

3.6. Arco-íris e pinceladas

Ao observarmos obras de arte, percebemos a importância de examinar diversos ângulos. Quanto maior e mais complicado algo é, mais difícil é ver tudo num único olhar. É preciso explorar cada ângulo possível, caso contrário suas riquezas ficarão ocultas. Em suma, o todo é maior do que a soma de suas partes; porém, ao mesmo tempo, cada parte é importante.

É o mesmo ao tentarmos assimilar as gloriosas riquezas da fé cristã. Há coisas demais para espremer em formulazinhas enxutas. As grandes questões da fé são complexas. Essa realidade rica e multifacetada é representada na Bíblia por uma série de metáforas e histórias: são instantâneos fotográficos. Nossa tarefa é reunir as partes para compor o panorama que cada instantâneo revela em parte. Ver o grande cenário expande nossa visão da fé; refletir sobre seus elementos nos permite aprofundar nossa compreensão. Assim, para apreciar nossa fé por inteiro, precisamos perceber a totalidade de sua composição e escrutinar os detalhes. Ver o panorama e examinar os instantâneos.

Retornando aos credos: longe de resumirem as coisas de Deus, eles são um convite para explorarmos as maravilhas para as quais apontam. São úteis como revisões sumárias e pontos de partida, mas se tornam vivos quando deixamos que nos guiem em uma viagem de descoberta.

4. Os credos: uma visão pública da fé

Os credos muitas vezes parecem um amontoado repetitivo e incompreensível de palavras, mas são vasos verbais que contêm o tesouro do evangelho. São meios para atingir um fim.

4.1. Credos e a vida de fé

A fé não é uma listagem de crenças a serem verificadas. É captar um vislumbre da cosmovisão cristã. É como se apaixonar por alguém e depois começar a querer saber mais sobre a pessoa. Tal foi o caso dos discípulos de Jesus: primeiro escolheram confiar totalmente nele, sem entendê-lo muito bem; à medida que o tempo passou, a confiança foi suplementada por crenças sobre ele.

Os discípulos perceberam a necessidade de usar *palavras* para expressar suas *crenças* sobre Jesus. Os credos são as palavras escolhidas cuidadosamente que a igreja primitiva concordou em usar para tentar captar o que está no coração da fé cristã. É como um esqueleto que sustenta a parte viva (a fé). Fora do contexto de uma fé viva, os credos são mero conjunto de palavras; algo só *recitado*, embora esteja destinado a ser *crido*.

4.2. Fé, crença e credos

Os dois credos principais da igreja são o Credo Apostólico e o Credo Niceno. São bastante usados nos cultos cristãos, embora nenhuma outra grande religião mundial use credos.

Para nos relacionarmos com Deus, basta a fé em Jesus. O refinamento teológico virá depois de ocorrer o compromisso pessoal. Assim, os teólogos distinguem dois tipos de “fé”: 1) a “fé pela qual cremos”, que é a fé salvadora, a confiança que se rende a Deus como Senhor; 2) a “a fé em que cremos”, que é um conjunto de crenças, o conteúdo do que acreditamos. Os credos tratam da fé no segundo sentido, mas pressupõem a fé no primeiro sentido.

As crenças representam uma tentativa de colocar o conteúdo da fé em palavras. Afinal, o relacionamento do crente com Deus deve ser explorado em palavras e ideias. Anselmo de Cantuária

(século 11) defendia a “fé em busca de entendimento”. Parte da vida de fé consiste no desejo de compreendermos mais sobre aquele em quem cremos e aquilo em que cremos.

De qualquer forma, não podemos viver sem estruturas de significado. Os credos, explícitos ou implícitos, religiosos ou seculares, são sempre parte da existência humana. Quem insiste que “não tenho credo” apenas revela que não quer pensar sobre questões profundas que podem gerar respostas inconvenientes.

4.3. Como os credos surgiram

Durante os três primeiros séculos, os cristãos não tinham um credo formal, visto que os líderes cristãos não podiam se reunir para discutir um conjunto comum de crenças. Contudo, havia notável grau de consenso no final desse período. Por volta de 190, encontramos coleções similares ao atual NT, assim como “confissões de fé” similares ao Credo Apostólico atual.

As igrejas principais (Alexandria, Antioquia, Jerusalém e Roma) desenvolveram seus próprios modelos de ensino da fé. A admissão ao culto cristão exigia instrução básica e os crentes eram convidados a confirmar sua fé no batismo respondendo a perguntas sobre se criam em Deus Pai Todo-Poderoso, em Jesus Cristo, o Filho de Deus, e no Espírito Santo (cf. Mt 28.19). Ao declarar “eu creio” a cada uma destas perguntas, o batizando assume seu compromisso com toda a cosmovisão cristã.

4.4. As “regras de fé”

A partir do final do século 2, surgiram “regras de fé” (credos) como resumos práticos da fé usados pelas igrejas. Tertuliano produziu uma, com bastante similaridade ao Credo Apostólico. Estas várias regras de fé foram convergindo, gerando uma regra de fé que foi aceita por todos por causa de sua excelência interna. Esta é o Credo Apostólico, que resulta de um longo processo de reflexão.

O Credo Apostólico tinha duas funções importantes. 1) Era uma declaração de fé compartilhada, facilmente memorizada pela constante repetição no culto público. 2) Servia como uma ferramenta muito útil de pregação e ensino por seu esboço dos temas fundamentais da fé.

E o Credo Niceno? Surgiu após a mudança radical da situação do cristianismo no século 4: tornou-se a religião oficial do império. O imperador queria resolver as divisões internas do cristianismo para torná-lo uma força unificadora para o império. Havia disputas pelo poder entre as grandes metrópoles. Havia disputas de natureza teológica. Assim, o imperador convocou um concílio de bispos, reunido em 325 em Niceia (atual Turquia).

Os dois credos se desenvolveram por caminhos bem diferentes. O Credo Apostólico surgiu nas comunidades cristãs primitivas ao longo de muitas gerações, e recebeu amplo parecer favorável e apoio. O Credo Niceno foi elaborado por uma comissão de bispos por ordem do imperador para impor consenso religioso no império.

4.5. Tecendo juntos temas bíblicos

Uma função central dos credos é que tecem juntos os grandes temas da Bíblia. As afirmações de fé primitivas eram curtas (Rm 10.9; 1Co 12.3; 8.6; 15.3-4; 1Tm 3.16). Os credos não acrescentam nada à Bíblia; sua função é resumir seus principais temas e fornecer um esquema para a compreensão de seus interesses gerais. Cirilo de Jerusalém (século 4) declara que o credo é uma síntese de fé “feita para apresentar um único ensinamento da fé na sua totalidade, no qual aquilo que é da maior importância foi reunido a partir de todas as Escrituras”.

O credo não é uma elaboração individual, mas sim uma declaração pública da fé comunitária. Não substituem a Bíblia, mas oferecem uma estrutura para sua interpretação. Representam o que o NT chama de “depósito da fé” (1Tm 6.20). Irineu de Lion (século 2) alega que herdamos dos apóstolos os textos do NT e o modo certo de interpretá-los. Essa “tradição apostólica” nos livra das distorções da Bíblia e se expressa nos credos. Assim, os credos são como um roteiro da fé, revelando como

a comunidade cristã antiga navegou pela rota de melhor interpretação da Bíblia. Nossos antepassados se debateram com diversas perguntas antes de nós, e podemos aprender com a sabedoria deles. Os credos são o roteiro deles para nos transmitir suas experiências e conclusões; eles nos alertam contra recifes que precisam ser evitados e nos informam sobre os ancoradouros seguros a conhecer.

4.6. Solidariedade com o passado cristão

Justino Mártir foi martirizado por declarar sua fé. Assim, ao confessarmos o credo, nos reunimos com diversas testemunhas cristãs ao longo dos séculos (Hb 12.1). Saber disso é tanto inspirador quanto humilde.

Se as palavras dos credos se tornaram monótonas pela repetição, nossos antepassados nos incentivam a visualizá-las novamente como um ato de confiança e autodefinição, como uma recusa a transigir e uma marca do discípulo.

A tradição também nos encoraja em nossas lutas e nossa reflexão. “Estamos sentados sobre os ombros de gigantes”, afirma João de Salisbury (século 12). Lewis nos exorta a lermos os clássicos cristãos para expandirmos a visão da nossa fé, para irmos mais longe e mais fundo. Não é um tradicionalismo morto que valoriza o passado em si, mas sim uma tradição viva que valoriza a sabedoria do passado. [Ver “Conforto do conservadorismo”, de Packer]. O historiador Jaroslav Pelikan (século 20) resume: “Tradição é a fé viva dos mortos; tradicionalismo é a fé morta dos vivos”.

Lewis salienta que vivemos em uma época que acredita que o mais recente é o melhor. Contudo, as abordagens mais antigas representam formas já experimentadas e testadas muitas vezes, que provaram ser dignas de confiança ao longo dos séculos.

4.7. Evoluindo para os credos

Quando recito os credos, faço três coisas. 1) Recordo o “grande panorama” que serve de base para a fé cristã. 2) Afirmo que sou parte dessa comunidade de crentes. 3) Disponho-me a explorar o que ainda não entendo na fé e a afirmar o que ainda não compreendi.

Parte da vida de fé é crescer nela. Precisamos aceitar algumas coisas em confiança e nos encorajar a buscar maior entendimento sobre a fé.

4.8. Credos e identidade cristã

Um dos desafios enfrentados pelos primeiros cristãos foi a assimilação intelectual ou religiosa (conformar-se ao mundo). Os credos foram uma forma de preservar e afirmar a identidade cristã. Eles recordam aos cristãos que sua esperança está em outro lugar.

Isso é importante hoje, pois o cristianismo se misturou em algumas sociedades (como os Estados Unidos [e o Brasil]), criando uma “religião civil”. Alguns tentam defender valores tradicionais trazidos pelo cristianismo, mas não querem a imposição das ideias cristãs. Sayers esclarece que não é possível sustentar os valores cristãos sem a cosmovisão que os fundamenta. Os credos estabelecem as distinções que embasam a realidade percebida pelos cristãos.

5. “Creio”: entrando no grande cenário

Ao abrir o credo, “creio” declara que encontramos uma resposta para as questões mais profundas da vida. Conhecer quem e em que podemos confiar é de enorme importância.

5.1. Fé, confiança e segurança

Os credos nos dizem em quem podemos confiar e onde podemos encontrar segurança real. Eles nos asseguram que numerosas pessoas no passado testaram e aprovaram um caminho para resumir as questões essenciais da fé. Outros destrancaram a porta do mistério da vida e nos deram as chaves para podermos usá-la.

“Creio” indica que o foco da fé é o indivíduo. O entendimento clássico da fé cristã é que ela transforma a existência pessoal. Cada crente é significativo. O Deus Pai em que cremos conhece e ama cada um de nós.

Mas o cristianismo é uma fé coletiva. Juntos conseguimos penetrar mais fundo nas riquezas da nossa fé comum, nos apoiamos nas provações, reforçamos os pontos fortes uns dos outros e tratamos dos pontos fracos. Por isso, recitar o credo deve ser visto como um ato de testemunho coletivo. Ao declarar “creio”, estou me alinhando com a comunidade cristã de todos os tempos que compartilha essa fé comigo.

A fé nos leva a encontrar segurança na vida. A partir desse lugar de segurança, vemos a paisagem como ela realmente é iluminada por Deus. Embora ainda não tenhamos posse de tudo, caminhamos na esperança do reino novo e vindouro [“já mas ainda não”].

5.2. Entrando no grande cenário

Há três questões a perguntar sobre qualquer crença cristã. 1) Por que pensamos que isso é verdade? Que razões temos para crer nisso? 2) Como podemos lhe dar sentido? 3) Que diferença ela faz? Como afeta nossa vida?

A fé nos permite deixar o mundo distorcido em que vivemos e passar a enxergar as coisas como elas realmente são. É abraçar o grande cenário da fé cristã. Que diferença isso faz na vida? Pela fé, somos cidadãos de um mundo novo e melhor. Os credos nos oferecem um mapa deste mundo. Passamos a entender que o mundo atual é uma transição para a nossa verdadeira casa; este mundo não define os limites da realidade. A fé cristã não é uma fuga de um mundo real para um mundo imaginário; antes, é a definição de que este mundo atual é ilusório que precisa ceder lugar para uma criação mais ampla e renovada. O que vemos são sombras; a realidade em sua plenitude ainda virá. É como o filme *Matrix*; vivemos numa simulação. É como a caverna de Platão; o lar era uma prisão. Nos dois casos, precisamos de alguém que nos revele como as coisas realmente são. Foi isso que Jesus fez (Jo 1.9; 8.12).

Essa revelação gera três aspectos essenciais da fé cristã: aceitação, confiança e transformação. Primeiro aceitamos a possibilidade de o mundo não ser como o vemos (de fato, estamos quebrados, necessitados de cura); depois confiamos em quem nos revela o caminho (há cura e esperança em Deus); finalmente somos transformados no processo.

Quem só crê no que pode ver não percebe a realidade eterna (1Co 15.32). É possível olhar para o mundo de maneiras diferentes. A fé nos leva a ver as coisas *como realmente são*. O NT usa três metáforas para isso: um véu é removido, os olhos são curados, escamas caem dos olhos.

5.3. A varanda e a estrada

John Mackay (século 20) propõe duas metáforas sobre a fé. A varanda é o local em que temos a nova perspectiva sobre o mundo; a fé nos concede esta nova forma de ver as coisas. A estrada é o local onde escolhas são feitas e decisões são tomadas. Quem fica na varanda é curioso; os da estrada são viajantes. Para Mackay, a fé cristã pertence à estrada. A fé não é apenas fazer sentido sobre a realidade, mas sim é sobre obediência ao vivermos nossa caminhada.

Essas perspectivas fazem diferença na hora do sofrimento. Não basta saber as respostas teóricas, embora sejam importantes. É preciso viver estas percepções. Por isso muitos acham mais úteis as biografias cristãs do que compêndios de teologia. Precisamos da experiência dos que já trilharam o caminho antes de nós, seja no passado, seja agora.

5.4. Crer e comportar-se

A maneira como vemos algo modela nosso comportamento. Os primeiros cristãos achavam a vida importante, mas a esperança do céu a transcendia. Somos peregrinos nesta realidade. Este tema

do exílio tem importante papel na espiritualidade cristã. A vida cristã existe suspensa entre o passado e o futuro, sustentada pela memória (recordamos a redenção divina) e pela espera (aguardamos a entrada na nova Jerusalém). [“já mas ainda não”].

Lewis (em *Cristianismo puro e simples*) adverte que não desprezemos as bênçãos terrenas (há coisas que precisamos fazer aqui e desfrutar aqui), mas não podemos esquecer que são apenas sombra ou eco das realidades futuras.

As pessoas podem estar na mesma situação e enxergar coisas diferentes. Nosso credo modela aquilo que vemos. A cosmovisão cristã questiona aquilo que este mundo valoriza tanto (riqueza e status). Bonhoeffer declara: “O cristianismo prega o valor infinito do que é aparentemente inútil e a inutilidade infinita daquilo que é aparentemente supervalorizado”.

5.5. A fé em Cristo: imagens dos primeiros cristãos

Os cristãos primitivos usavam símbolos para expressarem sua fé. Um deles é o peixe (ichthus), acróstico em grego que declarava: “Jesus Cristo, Filho de Deus, Salvador”. Outro símbolo é o desenho de Cristo com um halo, indicando que ele é a “luz do mundo” (Jo 8.12).

Outra imagem é a de Jesus como um filósofo peregrino, com um cajado em uma mão e o Evangelho em outra. O filósofo buscava levar as pessoas a viver e morrer bem. O Evangelho traz esta verdade muito procurada pelos filósofos. Ainda outra imagem é a de Cristo como Bom Pastor (Jo 10.14), com ovelhas em seus ombros. Ela indica a proteção e o compromisso divino com o crente. Outro símbolo é a âncora (Hb 6.19), que indica que encontraram lugar seguro nos mares tempestuosos. Todas estas imagens mostram como era viva a fé deles.

5.6. A fé, a esperança e o amor

A fé cristã é muito mais do que uma crença. Ela tem a ver com captar o grande cenário traçado na Bíblia e nos credos, perceber como esta cosmovisão é boa e faz todo o sentido na interpretação do mundo. Precisamos de revelação. Crescer na fé inclui apreciar a vitalidade espiritual dessa compreensão mais profunda das coisas.

A fé cristã implica em confiarmos nesse Deus e em sua maneira de pensar. Uma leitura superficial das coisas é insuficiente; é o credo de só existe o que vemos. Somos chamados a ir além disso, extrapolando a limitada percepção da realidade superficial.

A fé cristã tem a ver com a maneira como vivemos. Precisamos agir de acordo com esta cosmovisão que assumimos. Não aceitamos passivamente os modos de pensar vigentes; devemos desenvolver um modo de ver a realidade que seja baseado na fé cristã (Rm 12.2). Quem nós somos define o que vemos.

A fé cristã não se limita a aceitar as coisas como são. Elas podem ser mudadas. Temos esperança na atuação divina em nós.

A fé cristã conduz à mudança de conduta. Afeta como vivemos neste mundo.